

Histórias da escrita: um estudo comparativo entre Fischer e Benveniste

Writing histories: a comparative study between Fischer and Benveniste

Flávia Santos da Silva

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

E-mail: flaviasantosbr@hotmail.com

Resumo: Para pensar a escrita em suas aulas no Collège de France, Émile Benveniste tomou o caminho de pensar seus fundamentos e sua relação com a língua e, a partir disso, esboçou uma breve história da escrita. Nesse campo de estudo, sempre prevaleceu a prerrogativa de que a escrita é um decalque da oralidade, o que Fischer (2009) defende. Neste artigo, pois, temos o objetivo de analisar como esse autor propõe uma história da escrita, em comparação a Benveniste (2012) que, ao contrário, defende que a escrita é um paralelo da língua. Assim sendo, analisamos a história da escrita de Fischer em *História da escrita* e de Benveniste em *Dernières Leçons*, a fim de observarmos as semelhanças e as diferenças entre os postulados desses autores, ao analisarmos como a escrita se desenvolveu em grandes civilizações antigas, das quais estudamos a China, a Mesopotâmia, o Egito e a Grécia.

Palavras-chave: Antiguidade. Benveniste. Escrita. Fischer.

Abstract: In order to conceive writing in his classes in Collège de France, Émile Benveniste took the path of its foundations as well as its relation to language and, from that, he sketched a brief history of writing. In this field of study, the prerogative that writing is a decal of orality has always prevailed, what Fischer (2009) argues. In this article, we aim to analyze how Fischer (2009) proposes the history of writing in comparison to Benveniste (2012) who, on the contrary, defends that writing is a parallel of language. Thus, we analyzed the history of writing in Fischer's *History of writing* and in Benveniste's *Dernières leçons*, in order to observe the similarities and differences between their postulates when analyzing writing development in ancient civilizations as China, Mesopotamia, Egypt and Greece.

Keywords: Ancient history. Benveniste. Writing. Fischer.

1 Introdução

Entre os anos de 1968 e 1969, Émile Benveniste proferiu aulas no Collège de France no âmbito de duas áreas principais: Semiologia e Escrita. Para pensar esta última, ele tomou o caminho de pensar seus fundamentos e sua relação com a língua e, a partir disso, esboçou uma breve história da escrita. Nos anos 2000, Steven Roger Fischer escreve sua história da escrita, retomando conceitos que são consagrados no âmbito de estudo da história da escrita.

Nesse sentido, no campo de estudo sobre como a escrita desenvolveu-se no mundo, sempre prevaleceu a prerrogativa de que a escrita é um decalque da oralidade, sendo ela formulada das mais variadas formas, por exemplo, como Fischer apresenta: "A comunicação do pensamento humano, em geral, pode ser alcançada de inúmeras

maneiras – a fala é apenas uma delas. E a escrita, entre outros usos, tem o de transmitir a fala humana.” (2009, p. 13). Nessa citação, temos a defesa de dois postulados, concomitantemente: primeiro, de que a língua transmite o pensamento e, segundo, de que a escrita transmite a fala.

A partir disso, neste artigo, temos o objetivo de analisar como Fischer propõe uma história tradicional da escrita, em comparação a Benveniste que, ao contrário, defende que a escrita é um paralelo da língua: “À medida que a língua se alfabetiza e que ela se torna ‘fonética’, ela se assujeita cada vez mais ao fone e, por isso, à língua.” (BENVENISTE, 2012, p. 93)¹. Isso significa dizer que Benveniste assevera que a escrita é uma imagem da língua, pois o fone permite a criação de uma “imagem”, o grafo, que é o veículo de representação da língua. Assim, para ele, a escrita é um sistema de signos visuais que funciona em função de re-apresentar o sistema de signos linguísticos.

Assim sendo, analisamos a história da escrita de Fischer em *História da escrita* e de Benveniste, nas aulas 10, 11 e 14, de *Dernières Leçons*, a fim de verificar as semelhanças e as diferenças entre os postulados desses autores. Para permitir aos seus alunos compreender a *revolução* da escrita, na aula 10, Benveniste toma como tema o desenvolvimento da escrita em civilizações antigas, tais quais a China, a Mesopotâmia e o Egito, sociedades de escrita icônica e, na aula seguinte, apresenta a revolução feita na Grécia Antiga, o que é ampliado na aula 14. Seguiremos essa ordem de civilizações em nossa análise.

Dessa maneira, nosso objetivo não é o de estudar a particularidade de cada uma das línguas das civilizações antigas supracitadas, mas de estudar as maneiras diferentes de se fazer a história da escrita de cada uma dessas civilizações. Por isso, justificamos a comparação entre Fischer e Benveniste, dado que nos propomos a verificar como a perspectiva tradicional de escrita pode ser semelhante ou dessemelhante da perspectiva benvenistiana, que destoa da tradicional.

2 Concepções de escrita

Segundo Benveniste (1966), a língua possui um aparato básico de funcionamento que permite aos locutores alçarem-no semanticamente na e pela enunciação, produzindo discurso. Esse aparato é chamado de aparelho formal por Benveniste e, como é o fundamento da produção de discurso, está intimamente relacionado à enunciação.

Sob o ponto de vista do autor, a escrita seria vista como o ato no qual o sujeito enuncia o *eu* projetando um *tu* por meio dos grafemas, os quais, ao serem lidos, permitem seu alçamento a discurso. Por meio da língua, o sujeito coloca o modo semiótico da língua em ação, isto é, faz com que os signos organizados em paradigma passem a compor-se relacionalmente em sintagma, o que permite ao homem construir frases, por meio das quais o discurso também é produzido.

¹ Tradução nossa de: “À mesure que l’écriture s’alphabétise, qu’elle devient ‘phonétique’, elle s’assujettit de plus en plus à la phone et par là à la langue.” Todas as traduções deste artigo são nossas.

Para que a escrita seja a escrita de um sujeito, é necessário que esse sujeito sirva-se de seus signos para significar o mundo. Esses signos são visuais e compõem o que Benveniste chama de língua escrita, isto é, a língua apresentada em sua forma escrita. Entretanto, a língua escrita em si não é garantia para a produção de escrita. Assim, há a necessidade de se diferenciar enunciado e texto. Segundo Benveniste, “a enunciação é o ato mesmo de produzir um enunciado e não o texto do enunciado que é o nosso objeto” (1966, p. 80)².

Quando o locutor serve-se desses signos visuais, ele produz um texto, o qual nada mais é que uma sequência de frases que podem ou não *fazer* sentido(s). Para que esse texto seja composto de enunciados, é preciso que o locutor enuncie-se como sujeito, possibilitando que a língua escrita seja elevada à condição de *escrita* quando lida por ele ou por outrem.

Por esse motivo, a enunciação não tem relação com o texto, mas com o enunciado. Isso nos permite relacionar o texto apenas à parte semiótica³ do processo de escrita, ao passo que o enunciado teria a ver com sua parte semântica⁴. Dessa maneira, “a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 1966, p. 81)⁵. Se o modo semiótico da língua não é atualizado por seu modo semântico, não há enunciação.

Por esse motivo, se o locutor não consegue servir-se da língua escrita de modo a produzir sentidos, ele não se enunciará, o que faz com que ele não produza escrita propriamente dita. A escrita propriamente dita, assim, implica a apropriação de um sujeito sobre a língua escrita e, por conseguinte, está para além de questões concernentes à correção gramatical ou textual. Ela está para uma relação de implicação do sujeito com aquilo que escreve.

Assim sendo, a concepção de escrita de Benveniste está para além do mero utilizar-se da língua escrita (os signos visuais da escrita) e da mera reprodução da oralidade. Para o autor, a escrita é uma re-apresentação da língua, não da oralidade, o que implica um sujeito engajado no seu ato de escrever. Para Benveniste, se não há enunciação, não há escrita, concepção essa que se difere da de Fischer: “qualquer escrita continua sendo um artifício, um instrumento imperfeito aparentemente modelado, ainda que à primeira vista, para reproduzir a fala humana.” (2009, p. 10).

Compreender a escrita como um instrumento que reproduz a fala humana, isto é, a oralidade, é uma concepção tradicional bastante difundida pelo senso comum. Benveniste, ao contrário, propõe uma abstração da oralidade: “A escrita é um sistema que supõe uma abstração de alto nível: abstraímos-nos do aspecto sonoro – fônico – da linguagem com toda a sua gama de entonação, de expressão, de modulação.” (BENVENISTE, 2012, p. 92)⁶. Essa abstração leva a que a escrita seja um paralelo da

² “L’*énonciation* c’est l’acte même de produire un *énoncé* et non le texte de l’*énoncé* qui est notre objet.”

³ No modo semiótico da língua, os signos se imbricam negativa, diferencial e relacionalmente.

⁴ No modo semântico da língua, as palavras são manejadas para produzir frases.

⁵ “L’*énonciation* suppose la conversion individuelle de la langue en discours.”

⁶ “L’*écriture* est un système qui suppose une abstraction de haut degré: on s’abstrait de l’aspect sonore – phonique – du langage avec toute sa gamme d’intonation, d’expression, de modulation.”

língua. Isso significa dizer que a escrita corresponde à língua em aspectos como, por exemplo: ambas são um sistema de signos sem relação direta com o mundo e, portanto, sem relação direta com os sons emitidos pelo aparelho fônico de um locutor.

Embora Fischer, em alguns pontos de seu livro, denomine a escrita de sistema, ele não utiliza esse termo no sentido saussuriano, como faz Benveniste, mas no sentido de a escrita ser uma ferramenta. Fischer reconhece, entretanto, que essa ferramenta é “muito mais que uma pintura da voz”, mas esse “muito mais” coloca a escrita no lugar de um instrumento que transmite o pensamento: “[a escrita] tornou-se a suprema ferramenta do conhecimento humano (ciência), agente cultural da sociedade (literatura), meio de expressão democrática e informação popular (a imprensa) e uma forma de arte em si (caligrafia)” (FISCHER, 2009, p. 10).

Benveniste, ao pressupor a noção de enunciação na escrita, distancia a escrita do lugar de ser um instrumento de expressão do pensamento e a coloca no lugar do sistema que implica o engajamento de um sujeito, o que implica heterogeneidade, vazios, equívocos, entre outros. Nesse sentido, o autor concebe dois modos de escrita: a escrita icônica, que é a imagem de ideias e de símbolos, e a escrita linguística, que é a imagem da língua, mais comumente conhecida como escrita alfabética.

Fischer diferencia a pictografia, que se apresenta por meio de figuras, a logografia, que representa palavras, e a semasiografia, que faz uso de marcas gráficas para representar significados, de um lado, e a escrita integral ou completa, de outro. Esta última é que poderia ser considerada escrita no sentido próprio do termo, segundo Fischer (2009).

Apesar dessas diferenças teóricas entre um autor e outro, julgamos que, quando se trata da maneira como ambos fazem a história da escrita, é possível haver uma integração de seu pensamento. Segundo Fischer, “antes de escrita completa, a humanidade usou uma riqueza de símbolos gráficos e mnemônicos (ferramentas de memória) de vários tipos para acumular informações” (2009, p. 15). Benveniste explica isso com outras palavras, salientando que a escrita icônica tinha um valor mnemônico para veicular informações quando não era possível fazê-lo de memória.

Assim sendo, a seguir, apresentamos as histórias que ambos autores fazem de algumas civilizações antigas para observar em que pontos seus pensamentos diferem-se e em que pontos pode haver uma relação entre eles.

3 A escrita icônica dos chineses

Sobre a China, Benveniste diz que “a análise do enunciado operava-se sem esforço e a antiga escrita chinesa comportava numerosos pictogramas.” (2012, p. 102)⁷. Os pictogramas são as representações imagéticas imediatamente relacionadas às coisas que representa. Cada pictograma comporta uma sílaba e, em conjunto, uma representação icônica. Por exemplo, o pictograma “mu” é uma sílaba que significa “árvore”; o pictograma “kuo” é uma sílaba que significa “fruta”; e “ming” é uma sílaba

⁷ “L’analyse de l’énoncé s’opérait sans effort et l’ancienne écriture chinoise comportait de nombreux pictogrames.”

que significa “tigela”. Essas três sílabas juntas, entretanto, significam “três” (cf. BENVENISTE, 2012, p. 102).

Isso leva a que os pictogramas chineses possam representar uma coisa isoladamente ou em conjunto justamente porque possuem um caráter silábico. Fischer (2009, p. 150) chama esses pictogramas de “sinogramas” (*hànzì*), em outras palavras, ele dá destaque para a etnia relacionada com essa escrita – os sinogramas são os caracteres dos chineses – ao passo que Benveniste dá destaque para o funcionamento – os pictogramas são caracteres imagéticos. Nesse sentido,

a escrita chinesa, a mais antiga do leste da Ásia, parece, de fato, à primeira vista, ter “emergido do nada” (Boltz, 1996, p. 189-90). Tendo aparecido no centro-norte da China na segunda metade do segundo milênio a.C. quase inteiramente desenvolvida, tornou-se não só a forma de escrita mais importante do leste da Ásia, mas também o principal meio de expressão escrita da humanidade. [...] A escrita chinesa está em uso há mais de três mil anos, com muito poucas mudanças em seu sistema (mas com grandes mudanças na forma de alguns *hànzì* [caracteres] individuais). (FISCHER, 2009, p. 150-151)

No que concerne à afirmação de que, nesses três mil anos, houve poucas mudanças no sistema de escrita chinês, há semelhança entre Fischer e Benveniste, apesar de Fischer diferir de Benveniste por defender que a escrita é um meio de expressão da fala. Para Benveniste (2012, p. 103), até os dias de hoje, também não houve mudança fundamental na escrita chinesa - a única inovação foi a maneira de calcular sua entonação -, mas, para esse autor, a escrita chinesa é linguagem icônica, não meramente expressão da fala, como defende Fischer.

Além disso, “a escrita chinesa também incorpora o princípio mesopotâmico de um sinal para cada sílaba falada – um logossilabário não padronizado na escrita chinesa antiga – assim como o princípio rébus.” (FISCHER, 2009, p. 152). Que a escrita chinesa é silábica, os dois autores estão em acordo. Agora, se Benveniste o chamaria de “logossilabário” é pouco provável, dado que sua sistematização entre os tipos de escrita só concerne à nomenclatura de escrita icônica e de escrita linguística, apesar de ele usar os termos “silabário” e “escrita alfabética”. Outra questão envolvida nessa citação é o princípio rébus. Fischer explica-o dessa maneira:

o som de um símbolo assumiu um status sistêmico para se tornar um signo. Embora talvez induzida pela natureza especial do idioma sumério, a solução foi possível pelo princípio rébus. Perfeitamente adequado para línguas monossilábicas como o sumério, esse princípio permite uma imagem de algo que exprima uma sílaba na língua falada, valendo-se da homofonia. (FISCHER, 2009, p. 30)

É possível notar que a noção de signo aí desenvolvida está atrelada a leituras que consideramos inadequadas do *Cours de Linguistique Générale*. Desse modo, o princípio rébus faz com que o signo seja representado a partir do som da oralidade, na escrita. Benveniste faz outra explicação desse princípio: “[...] a grafia de um significante é tomada como uma grafia total ou parcial de um outro significante, totalmente ou

parcialmente homófono ao primeiro.” (2012, p. 106)⁸. Consequentemente, o princípio rébus é por ele compreendido como facultando ao significante ser total ou parcialmente representado por símbolos. Som e significante são conceitos completamente distintos.

De qualquer modo, os dois convergem em relação ao fato de que a escrita chinesa está calcada na homofonia: “O principal obstáculo encontrado era a multiplicidade de homofones e as confusões inevitáveis que resultavam de um mesmo signo gráfico empregado para vários homofones.” (BENVENISTE, 2012, p. 103)⁹. Para Benveniste, o princípio rébus fazia com que um mesmo caractere imagético representasse diferentes sílabas, o que coaduna com a posição de Fischer (2009, p. 152), sobre a qual explicamos: ao mesmo tempo em que a homofonia permite a expansão léxica, ela também fazia com que o sistema de escrita fosse solto demais; a partir disso, apenas o contexto não permitia saber de qual *wén* (unidade de caractere) tratava-se.

Para resolver o problema, os chineses adotaram o que Benveniste (2012, p. 103) chama de “chaves” (*clefs*) e que Fischer apresenta de maneira mais detalhada.

Depois, havia a solução do problema: o *zì*, ou caractere composto, compreendendo dois ou mais *wén* unidos, como um só sinal. Aí se encontra a característica exclusiva da escrita chinesa. Um elemento fonético (identificador de som) ou um elemento significante (identificador de sentido, como o determinativo egípcio, mas que não pode, como o egípcio, ficar sozinho) pode ser anexado ao *wén* para ajudar a identificar que palavra na língua ele significa. (FISCHER, 2009, p. 153)

Para Fischer, a palavra como um todo é um sinograma. Cada sílaba desse sinograma é um *wèn*, o qual, por causa da homofonia, tinha que ser acrescido de um identificador de som ou de um identificar de sentido, formando um *zì*, caractere composto. Esses detalhes fazem com que Fisher tire como consequência a transparência: “a escrita chinesa antiga era bastante transparente: podia-se em geral reconhecer e pronunciar os caracteres simples.” (FISCHER, 2009, p. 154), o que jamais pode ser visto como um desdobramento das reflexões de Benveniste, uma vez que esse autor preconiza a opacidade das línguas, não a transparência.

Ademais, Fischer sustenta que a escrita chinesa é logográfica, porque representa palavras, não ideográfica, posto que não representaria ideias (cf. FISCHER, 2009, p. 154). Para Benveniste, ela não é nem uma nem outra. Ele não entra no mérito desse tipo de nomenclatura e, assim, denomina a escrita chinesa de escrita icônica. Além do mais, para Benveniste, toda e qualquer escrita icônica representa objetos. Por isso, a escrita chinesa não representa palavras, mas as próprias coisas do mundo. Consequentemente, a escrita icônica não pode ser compreendida como escrita propriamente dita.

⁸ “[...] la graphie d’un signifiant est prise comme graphie totale ou partielle d’un autre signifiant, totalement ou partiellement homophone au premier.”

⁹ “Le principal obstacle rencontré était la multiplicité des homophones et les confusions inévitables qui résulteint d’un même signe graphique employé pour plusieurs homophones.”

4 A escrita icônica da Mesopotâmia

Na Antiguidade, a Mesopotâmia era uma região da Ásia localizada entre dois rios: o rio Eufrates e o rio Tigre. É dessa ideia que deriva seu nome, do grego – *mésos* (meio) e *pótamos* (rio). Ela comportava vários povos, dentre eles os sumérios, os acádios, os babilônios, os aquemênidas, entre outros. Segundo Fischer (2009), as primeiras tabuletas dessa região foram encontradas no baixo rio Eufrates e contam mais de três mil anos.

Como Benveniste, Fischer explica que se escrevia com um buril de bambu sobre a argila e que, nessa escrita, já se pode falar em fonetização, mas não em escrita plena. “Embora isso não seja ainda escrita completa, uma vez que deixa de usar marcas que se relacionam convencionalmente à fala, é, no entanto, uma transmissão bem-sucedida de ideias complexas pela arte gráfica.” (FISCHER, 2009, p. 29). Apesar de que Benveniste também estivesse de acordo com o fato de que a escrita nessa região não pudesse ser considerada escrita por si mesma, ele explica esse fato por outros meios.

Em *Dernières leçons*, Benveniste lança mão de duas noções: a de escrita icônica e a de escrita linguística. A escrita icônica é a representação da coisa do mundo por meio de símbolos, o que faz com que ela não seja escrita propriamente dita, mas um recurso mnemônico que visa a *transmitir* uma mensagem.

A consequência disso é que, para cada ideia, é necessário um símbolo, o que torna as escritas icônicas difíceis de serem aprendidas, dado que a quantidade de símbolos que possuem é muito alta. Como a escrita cuneiforme da Mesopotâmia é feita em forma de cunhas que representam objetos, ela é icônica.

Algumas sociedades, por motivos que os estudiosos não sabem apontar, conseguem fazer a passagem dessa iconicidade para a escrita linguística. “A partir disso, data uma verdadeira revolução: a escrita tomará por modelo a língua.” (BENVENISTE, 2012, p. 101)¹⁰, ou melhor, a escrita linguística é aquela que possui a língua como modelo, na medida em que a grafia passa a representar o fone¹¹ por meio de grafemas, não mais a coisa no mundo. A escrita assim concebida torna-se econômica, posto que uma quantidade limitada de grafemas consegue, em agenciamento, *veicular* uma quantidade infinita de mensagens.

O que se desdobra disso é que as sociedades que conseguem formular a escrita linguística promovem uma verdadeira revolução. Vejamos bem que, nos parágrafos anteriores, colocamos itálico em *transmitir* e *veicular*. A escrita icônica apenas *transmite*: ela está diretamente relacionada ao mundo; ao passo que a escrita linguística *veicula* sentidos: ela simboliza e re-apresenta o mundo por meio da grafia. Eis aí o motivo da revolução.

É importante salientar, porém, que Benveniste não faz uma hierarquização entre as sociedades de escrita icônica e de escrita linguística: uma não é necessariamente melhor ou superior que a outra. Afinal, sabemos quão elaborados eram o conhecimento e a arte dos povos da Mesopotâmia. Nessa região, embora não

¹⁰ “De là date une vraie révolution: l’écriture prendra pour modèle la langue.”

¹¹ Vejamos bem que o fone não é o som, mas uma representação do som.

tivesse havido a passagem entre escrita icônica e escrita linguística, houve a passagem entre uma escrita “global” e uma “analítica”.

A escrita suméria transforma-se muito rapidamente em escrita cuneiforme. A filiação é clara entre certas imagens e seu referente. Assim, o traço sobre a argila mole do junco talhado (a “tacha”) desenha o olho ou a mão; mas, em acádio, o desenho decompõe-se em vários elementos. O “global” arcaico torna-se “analítico”. (BENVENISTE, 2012, p. 104)¹²

A escrita suméria é mais antiga e era mais global porque o símbolo tinha relação direta com o referente: o que se “escrevia” era o próprio objeto. Com o passar dos séculos, os acádios tomaram a escrita suméria e fizeram inovações, dentre as quais, tornaram-na mais analítica pelo fato de o desenho se decompor em vários elementos que podiam se unir para significar outra coisa. Daí a fonetização ou o princípio rébus: “chegou ao ponto de não se reconhecer mais o objeto no pictograma, embora a relação do pictograma ao objeto e seu valor fonético continuasse: o pictograma se torna um símbolo” (FISCHER, 2009, p. 29). É interessante notar que, nessa parte do livro, capítulo 1, Fischer utiliza o termo “pictograma”, ao passo que Benveniste utiliza apenas “o cuneiforme”.

Essa passagem entre a escrita suméria e a acádia gerou problemas. “O que complica a questão foi a adaptação do cuneiforme sumério ao acádio semítico. As duas línguas têm estruturas diferentes (o sumério não é unicamente monossilábico).” (BENVENISTE, 2012, p. 104)¹³. A decomposição dos desenhos fez com que a escrita acádia não se encaixasse completamente na escrita suméria, que não era apenas monossilábica. Isso porque as duas línguas possuíam estruturas diferentes. Fischer apresenta uma informação semelhante:

como o idioma acádio era tipologicamente o oposto do sumério – isto é, o sumério era em grande parte monossilábico e o acádio, polissilábico; o sumério não flexionava o final das palavras e o acádio era muito flexionado – escrever a escrita acádia com o sistema sumério resultava em ambiguidade e confusão. (2009, p. 50)

Apesar dos problemas, é graças a essa maneira mais analítica de escrever que se começou a desenvolver o princípio rébus, ideia que toda a humanidade pegaria emprestado para desenvolver seus sistemas de escrita: “o princípio rébus foi uma contribuição exclusiva da Suméria para a humanidade.” (FISCHER, 2009, p. 33). Esse princípio também funcionava na escrita chinesa.

¹² “L’écriture sumérienne se transforme assez rapidement en écriture cuneiforme. La filiation est claire entre certaines images et leur référent. Ainsi la trace sur l’argile molle du roseau taillé (le ‘clou’) dessine l’oeil ou la main; mais, en akkadien, le dessin se décompose en plusieurs éléments. Le ‘global’ archaïque devient ‘analytique’”.

¹³ “Ce qui complique la question a été l’adaptation du cuneiforme sumérien à l’akkadien sémitique. Les deux langues ont des structures différentes (le sumérien n’est pas uniquement monosyllabique).”

Entretanto, é pouco provável que os chineses tenham importado a ideia dos sumérios: “os sinais do sistema antigo chinês transmitiam, no estilo rébus, apenas a língua chinesa, e certamente não foram parte de qualquer importação.” (FISCHER, 2009, p. 152). Fica, pois, o mistério sobre como esse sistema foi desenvolvido.

De qualquer forma, é inegável a contribuição da Mesopotâmia para a humanidade. É dela que nasce o princípio rébus, que acabaria por culminar na escrita linguística, e a própria literatura. “Os textos literários mais antigos do mundo apareceram em tabuletas sumerianas: poemas (hinos, lamentações, atributos e atividades dos deuses) e ‘narrativas’ quase épicas [...]” (FISCHER, 2009, p. 53). A epopeia de Gilgamesh, escrita em acádio por volta de 2.700 a.C, é uma importante fonte de estudos. Com isso, percebemos a importância da generalização da escrita acádica na Ásia (cf. BENVENISTE, 2012, p. 104).

5 A escrita icônica dos egípcios

Na lição 14, Benveniste afirma que a escrita é considerada um dom divino pelos egípcios. Fischer complementa essa informação, explicando que o Clemente de Alexandria foi o primeiro a chamar a escrita egípcia de hieroglífica: do grego, *hieros* (sagrado) e *gliphos* (escultura). Mas os egípcios “chamavam a escrita de *mdw-ntr* – ‘palavras de deus’ – porque acreditavam ser ela um presente de Thoth, o escriba dos deuses com cabeça de íbis” (FISCHER, 2009, p. 35). Nomes gregos ou egípcios à parte, fica evidente o caráter religioso da escrita no Egito.

Por empréstimo da Mesopotâmia, essa escrita também era organizada sob o princípio rébus, cujos pictogramas Benveniste (2012, p. 106) chama de “desenhos falantes”. Esses desenhos falantes representam parcial ou totalmente um significante, e, por isso, podiam unir-se para formar outro, dado que a língua egípcia era polissilábica. De fato, esses desenhos funcionavam, aos olhos dos Ocidentais, como esculturas, e é esse um dos motivos pelos quais a escrita egípcia, ainda hoje, é tão admirada no mundo.

Os egípcios aperfeiçoaram o princípio rébus e chegaram ao ponto de criar a acrofonia que é “o uso de um hieróglifo para representar só a consoante inicial de uma palavra” (FISCHER, 2009, p. 35). Como veremos adiante, isso iria acabar desembocando na escrita linguística.

O débito que o mundo tem para com o Nilo é imenso. Não é coincidência que nosso método de escrita no início do terceiro milênio a.C. não seja tão diferente do dos escribas egípcios do terceiro milênios a.C. (Robinson, 1995). Embora a ideia da escrita completa possa ter surgido na Suméria, a forma com que escrevemos e mesmo alguns sinais, que chamamos “letras”, são descendentes em última instância dos fundadores egípcios antigos. (FISCHER, 2009, p. 45)

Embora Benveniste não apresente maiores detalhes sobre a escrita egípcia em suas aulas, é importante tomarmos algumas ideias de Fischer (2009, p. 35-45) para compreendermos esse processo: por meio da acrofonia, esse povo criou “letras” para

duas ou três consoantes, para complementos fonéticos que expressavam reiteração, para determinativos ou mesmo logogramas.

Pela reiteração, os egípcios queriam assegurar a compreensão da pronúncia da palavra pelo leitor, o que fazia com que houvesse redundância no uso de complementos fonéticos. Vemos, assim, que eles realmente concebiam a escrita como fala, a fala vinda de Thoth, o que não é um problema, posto que, apesar disso e por causa disso, contribuíram para a passagem entre escrita icônica e escrita linguística. Aliás, se não fosse essa crença, julgamos que as civilizações nem ao menos teriam tido a ideia de desenvolver um sistema de escrita.

Pelos determinativos, esse povo intentava marcar o “sentido exato da palavra” (cf. FISCHER, 2009, p. 36), o que nos faz pensar que, como qualquer outro povo na humanidade, esse tinha um apreço pela exatidão que, infelizmente, a língua não confere. Entretanto, essa empreitada de querer driblar a imperfeição da língua foi decisiva para se criar, na escrita, uma concepção cada vez mais linguística.

6 A escrita linguística dos gregos

Segundo Benveniste (2012), aprendemos que há três sistemas linguísticos diferentes: o sumério, o acadiano e o indo-europeu. Esses desenvolveram, respectivamente, três concepções de escrita: a escrita de palavras, a escrita de sons isolados e a escrita alfabética. Benveniste engloba as duas primeiras como sendo escrita icônica e, a última, escrita linguística. Sobre esta última, o autor afirma que

















da forma histórica do grego (século XV antes de J.C), o silabário micênico, não sabemos nada. É o alfabeto grego que realiza o grande progresso final: cada som é distinguido, não mais apenas as sílabas, mas os sons, e reproduz por uma letra, e apenas uma. (BENVENISTE, 2012, p. 109)¹⁴

De desenhos a silabários para chegar até ao alfabeto, foi necessário que os gregos tomassem a ideia emprestada dos fenícios, para conseguirem realizar esse grande progresso final. A partir dos egípcios, o povo elamita da região de Susa, próximo ao rio Tigre, desenvolveu um sistema de escrita cuneiforme segundo o princípio rébus.

Ainda em escrita cuneiforme acadiana, os fenícios tomaram essa ideia dos elamitas para desenvolver seu próprio sistema de escrita. As relações de comércio entre fenícios e gregos, povo do mar, possibilitaram que os gregos, a partir desse silabário, desenvolvessem um alfabeto por volta de X a.C. Consequentemente, na escrita de hoje das línguas românicas, há mais de Egito do que imaginamos.

¹⁴ “De la forme historique du grec (XV siècle avant J.C.), le syllabaire mycénien, nous ne savons rien. C’est l’alphabet grec qui réalise le grand progrès final: chaque son est distingué, non plus seulement les syllabes, mais les sons, et reproduit par une lettre et une seule.”

Figura 1: Sistemas de escrita

Egyptian	Proto-Sinaitic	Phoenician	Early Greek	Greek	Latin
					
					
					
					
					
					
					
					
					
					
					

Fonte: FISCHER, 2009, p. 46

A figura 1 é ilustrativa para que observemos como nosso alfabeto é antigo e o quanto ele é herdeiro de longos milênios de trabalho dos escribas. Para chegar ao alfabeto latino, o caminho que se trilhou começa nos sumérios, vai para os acadianos, os egípcios, os elamitas, os fenícios, os gregos e os etruscos. A partir desses, é que os romanos conheceram, apenas no século VIII a.C., a revolução que os gregos haviam feito, dois séculos antes, com as ideias dos fenícios, os quais, na verdade, só haviam, por assim dizer, “importado” a passagem que os acadianos fizeram.

De qualquer forma, com a criação de grafemas que representam porções do significante, saímos da representação do referente na escrita e entramos na representação da própria língua. “Os gregos realizaram um novo passo ao escrever sistematicamente como distintas vogais e consoantes a partir de sua língua [...]” (BENVENISTE, 2012, p. 106)¹⁵.

Conseqüentemente, em primeiro lugar, o fato de os gregos terem desenvolvido seu alfabeto a partir de sua língua significa que a estrutura de uma língua influencia na maneira como uma escrita é desenvolvida. Em segundo lugar, o passo decisivo foi encontrar, na estrutura da língua, a relação entre consoante e vogal, o que permitiu que fossem criadas letras que representassem cada uma dessas porções de significante, o que possivelmente explica o porquê de os egípcios não terem desenvolvido uma escrita linguística, posto que sua língua não possuía vogais.

Os gregos desenvolveram seu alfabeto posteriormente à época de Homero, na qual a noção de escrever ainda não existia na Grécia. Ele, o grande poeta do Ocidente, não sabia escrever. “Grapho”, nessa época, significava apenas “raspar”. Mesmo

¹⁵ “Les Grecs ont accompli un nouveau pas en écrivant systématiquement comme distinctes voyelles et consonnes à partir de leur langue [...]”

posteriormente, apenas uma parte da Grécia conhecia a escrita: os aqueus e os troianos permaneceram analfabetos (cf. BENVENISTE, 2012, p. 124).

Nesse sentido, sobre a palavra “letra”: “Em grego, *gramma* é derivado de *grapho*, mas *littera* é de origem ainda desconhecida.” (BENVENISTE, 2012, p. 124)¹⁶. De “raspar” e de “entalhar a pedra para fazer um traço”, “*grapho*” passou a designar “escrever”, que derivou “letra”. Mas a palavra latina que se relaciona à “*gramma*”, “*littera*”, tem seu percurso histórico ainda por ser descoberto.

7 Conclusões

Tendo como objetivo analisar a posição tradicional em relação à benvenistiana, chegamos à conclusão de que Fischer e Benveniste partem de posições teóricas distintas. O primeiro defende que a escrita é decalque da oralidade, reiterando essa afirmação inúmeras vezes ao longo de *História da escrita*. O segundo sustenta que a escrita é uma representação da língua em *Dernières leçons*, o que o faz reconsiderar a teoria saussuriana para pensar a relação entre língua e escrita.

Seguindo as ideias de Benveniste, para se produzir escrita propriamente, é necessário que a situação de discurso (o ato mesmo e a situação em que a enunciação realiza-se) e as instâncias de discurso (os instrumentos para a realização da enunciação) estejam em uma relação harmônica. Com isso, a língua escrita, composta pelos signos visuais que seriam suas instâncias de discurso, precisa fazer falar de uma situação discursiva em que um sujeito coloque-se como *eu* em relação a um *tu*.

Urge que esses signos veiculem sentidos enformados pela maneira como o sujeito concebe o mundo para que o enunciado seja *compreensível*. Assim, se não há *diálogo* no texto produzido por um locutor, não será possível compreender enunciados desse texto, o que faz com que ele não tenha sido capaz de produzir escrita, mas apenas utilizado da língua escrita de maneira aleatória.

Os posicionamentos distintos entre Fischer e Benveniste, naturalmente, fazem com que haja diferenças na maneira de explicar o funcionamento da escrita de uma civilização. Por exemplo, ao passo que Fischer chama os símbolos chineses de “sinogramas”, Benveniste chama-os simplesmente de “pictogramas”, o que revela que esse autor dá destaque para o aspecto sistêmico e geral da escrita e insere esses pictogramas em uma classificação maior, a de escrita icônica.

Mas é interessante notar que, apesar desses pontos de vista diferentes, há semelhanças na maneira como um e outro esboçam a história da escrita na China, na Mesopotâmia, no Egito e na Grécia. É, inclusive, possível utilizar as informações de um para complementar as do outro.

Julgamos que essas semelhanças provêm do fato de que elas derivam de achados arqueológicos – para falar da história da escrita das civilizações antigas, é necessário analisar tabuletas e outros artefatos encontrados em sítios arqueológicos – os quais acabam sendo discursivizados de maneira semelhante por força da tradição.

¹⁶ “En grec, *gramma* est derivé de *grapho*, mais *littera* est d’origine encore inconnue.”

Referências

BENVENISTE, Émile. *Dernières leçons*. Paris: Gallimard, 2012.

BENVENISTE, Émile. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966.

FISCHER, Steven. *História da escrita*. São Paulo: Unesp, 2009.